

O objectivo do método EuroCom é o de promover o plurilinguismo na Europa, nomeadamente através do desenvolvimento das competências linguísticas receptivas em relação às diversas línguas de uma mesma família linguística.

EuroCom demonstra ao estudante que graças à sua língua-mãe pode facilmente compreender textos noutras línguas da mesma família, as quais até aí lhe pareciam desconhecidas.

EuroCom faz uso dos conhecimentos de que o aprendente já dispõe e que podem ser mobilizados quase sem esforço de aprendizagem. Dessa modo desperta-se nos estudantes uma motivação realista e eficaz que os aproxima das línguas e culturas dos seus concidadãos europeus.

Um método de enorme relevância para a Europa.

Editiones EuroCom vol. II

**SHAKER
VERLAG**

ISBN 3-8322-0824-0

Katja Götttsche, Elke da Silva,
Horst G. Klein, Tilbert D. Stegmann

EuroComRom – Os sete passadores:

Saber ler todas as línguas românicas *já* !



français - català - español - italiano - português - română



(a) <i>sta</i>	estar
<i>sub</i>	debaixo (prp) (subterrâneo)
<i>și</i>	e, também (< lat. <i>sic</i>)
(a) <i>ști</i>	saber (< lat. <i>scire</i> , cf. fr. <i>science</i>)
<i> timp/timpuri</i>	tempo (cf. esp. <i>tiempo</i>)
<i>tot, toată, toți, toate</i>	tudo, todo/-a/-s (cf. cat. <i>tot</i> , fr. <i>tout</i>)
<i>tot (adv)</i>	tudo, ainda, contudo
(a) <i>trebui, trebuie să</i>	ter de
(a) <i>trece</i>	passar (< lat. vulg. <i>traicere</i>)
<i>țară</i>	terra (cf. esp. <i>tierra</i>)
(a) <i>uita</i>	esquecer (< lat. vulg. <i>oblitare</i> , sp. <i>olvidar</i>)
(a) <i>se uita</i>	olhar
<i>un, o, niște</i>	um/-a, uns, umas
<i>unde</i>	onde (prn int, rel)
<i>unu</i>	um
(pe, în) <i>urma</i>	depois
(a) <i>vedea</i>	ver (cf. it. <i>vedere</i>)
(a) <i>veni</i>	vir (cf. fr. cat. esp. <i>venir</i>)
(a) <i>voi</i>	querer [VI voluntário]
<i>viață</i>	vida (cf. it. <i>vita</i>)
<i>voi</i>	vós (prn pes)
<i>vreme</i>	tempo
<i>zi(ua)</i>	(o) dia
<i>a zice</i>	dizer

6.6 Breve Retrato do Galego (comparativo com o Português)¹

6.6.1 O espaço da língua e o número de falantes

A língua galega fala-se dentro do território administrativo que hoje se conhece como Galiza e noutras zonas geográficas que administrativamente não pertencem ao território político da Galiza: a parte mais ocidental das Astúrias, parte dos Ancares leoneses e uma pequena zona na província de Zamora. Na área linguística galega vivem cerca de 3 milhões de pessoas das quais 63% têm o galego como língua materna e 75% o falam habitualmente. Embora a língua natural da Galiza seja o galego, actualmente e desde há já vários séculos partilha o seu espaço com outro sistema linguístico: o castelhano. Esta situação é o resultado de um processo de unificação política que levou à criação do Estado espanhol e que provocou o aparecimento de uma língua sobreposta. Na actual comunidade galega convivem, pois, duas línguas: galego e castelhano. Convém salientar que o galego é a língua habitual predominante na Galiza e, ainda que a prática oral monolíngue seja menos frequente que a bilingue, vale a pena destacar que na prática bilingue há uma notória preferência pelo galego.

6.6.2 Origem e evolução histórica

Os romanos chegaram à Península Ibérica no ano 218 a.C., durante as Guerras Púnicas. Desde a campanha de Augusto (29 a 19 a.C.) a Galiza passa a ser mais um território do Império

¹ Este retrato foi escrito por Sabela Labraña, Susana Ferreira e Ignacio Vázquez; foi remodelado por Tilbert Dídac Stegmann e revisto por Johannes Kabatek.

Romano, em que o latim se sobrepõe às línguas indígenas, que acabaram por desaparecer totalmente perante a superioridade cultural da língua latina. Desta derivou o galego, idioma muito conservador no seu conjunto, visto ser o latim que os colonizadores romanos trouxeram desde a Bética, conservador e culto; para além disso, devemos ter em conta a enorme separação da Gallaecia em relação a Roma, facto que impedia que chegassem à Galiza as inovações irradiadas desde Itália, sobretudo a nível lexical.

Depois do desaparecimento do Império Romano do Ocidente instalaram-se na Gallaecia os povos germânicos e, posteriormente, os árabes. As línguas de uns e de outros não apagaram o latim-galaico, apesar de terem deixado marcas na toponímia e no léxico comum.

Em meados do séc. X os romances que se falavam na Península eram já muito diferentes do latim. Para além disso, as variedades linguísticas foram-se distanciando umas das outras, de maneira que nos territórios cristãos do norte se chegaram a diferenciar vários idiomas: *galego*, *astur-leonês*, *castelhano*, *aragonês* e *catalão*.

Com o avanço da Reconquista Cristã para Sul, as línguas nascidas nos territórios do norte estenderam-se pelos territórios conquistados, como o galego.

Durante esta primeira fase da Idade Média podemos falar de uma só língua: o galego-português. No séc. XII Portugal constitui-se num reino independente e continua a expansão para Sul.

Contudo, é preciso pôr em destaque que a língua literária comum da época medieval é uma língua convencional, que não reflecte directamente a realidade da fala; para além disso, a partir do séc. XIV já se começam a encontrar diferenças entre os textos escritos no norte e no sul do Minho, diferenças que com o passar do tempo vão sendo mais notórias, dando origem às duas línguas de hoje.

A partir da época renascentista o galego perde toda a relação com a cultura escrita e fica relegado apenas à oralidade, nos âmbitos rural e familiar, já que a minoria castelhano-falante é que tem o poder económico, político e cultural do país. O domínio de Castela na Galiza não é só político mas também eclesiástico. Este facto vai repercutir-se no processo castelhanizador, já que o aparelho escolar dependia da Igreja e esta usava o castelhano para educar uma população galego-falante.

No séc. XVIII surgem vozes como a do Padre Feixoo, o Padre Sarmiento e o Padre Sobreira que se ocupam do estudo e da defesa da língua galega. Assim Sarmiento denuncia a injusta discriminação linguística e propõe o uso do galego no ensino. Neste período consolidaram-se os mais importantes traços linguísticos que caracterizam o galego actual.

Na segunda metade do séc. XIX, perante a pressão do castelhano sobre o idioma galego, assistimos à criação de movimentos políticos de tendência galeguista e a um ressurgimento literário, basicamente lírico, que reivindicava o idioma galego. Obras como *Cantares Gallegos* e *Follas Novas* de Rosalía de Castro, *Aires da miña terra* de Curros Enríquez ou *Queixumes dos pinos* de Eduardo Pondal são uma amostra deste ressurgir literário. Também aparecem as primeiras gramáticas e dicionários da língua galega. O galego do séc. XIX era praticamente o mesmo que hoje, se bem que o número de castelhanismos era menor, dado que não existia a actual pressão dos meios de comunicação e do ensino.

Um passo importante na reivindicação do idioma deu-se nas primeiras décadas do séc. XX com as *Irmandades da Fala*, a *Xeración Nós* e com o *Seminario de Estudos Galegos*. O galego passa a ser empregue não só como língua literária, mas também em áreas muito diferentes como os textos de imprensa e todo o tipo de textos proferidos em actos públicos. Mas só o Partido Galeguista (1931) se manteve fiel ao idioma, já que o resto dos partidos seguiam uma política centralista e hostil quanto ao uso e potenciação do galego.

A maior parte dos escritos deste momento procuram utilizar uma língua o mais distante possível do castelhano, e por isso utilizam-se arcaísmos, lusismos, «hiperenxebismos» (palavras erróneas de aparência galega com afa diferencialista; cultismos tratados como

palavras patrimoniais), conformando assim um galego afastado da fala que se continuou a usar durante décadas.

Diferentes actividades em favor da língua que ocorrem a partir dos anos cinquenta, como a criação da editorial Galaxia e a publicação de escritos importantes em galego, e sobretudo a actividade galeguista dos anos sessenta, com movimentos como o da *nova canción galega* ou as actividades de certos grupos políticos que unem o galeguismo e a resistência contra a ditadura, voltaram a revitalizar o galego. No último terço do séc. XX inicia-se a criação de um galego padrão, sendo fundamental neste aspecto a contribuição do Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela.

Com a democracia e a aprovação do Estatuto de Autonomia de Galiza em 1980, a língua galega é estabelecida como língua oficial da Galiza juntamente com o castelhano. A *Lei de Normalización Lingüística* aprovada pelo governo galego em 1983, que prevê a introdução do galego no ensino e a posterior criação da rádio (1984) e da televisão (1985) galegas, constitui um contributo muito importante para a normalização da língua. A tudo isto, temos ainda que acrescentar a criação de várias associações preocupadas com a língua, e que trabalham pelo idioma e com grande apoio social, como é o caso da *Mesa pola normalización lingüística*.

6.6.3 Variedades dialectais

Embora não existisse em galego durante muitos anos uma norma escrita que desse coesão e unidade à língua, esta não se diversificou excessivamente, e assim dizemos que a unidade linguística actual é relativamente forte, apesar das circunstâncias históricas. O professor Francisco Fernández Rei estabeleceu uma divisão dialectal baseada em três grandes blocos:

- Bloco *occidental*: abrange o oeste da Corunha e Pontevedra e uma pequena parte do sul de Ourense. Este bloco é a parte da Galiza mais densamente povoada, onde estão situadas as maiores cidades do território: A Coruña, Santiago de Compostela, Pontevedra e Vigo. 70% da população da Galiza.
- Bloco *central*: estende-se pela quase totalidade de Lugo e Ourense, mais o leste da Corunha e Pontevedra. 25% da população da Galiza.
- Bloco *oriental*: abrange o oeste das Astúrias, Leão e Zamora, mais o leste de Lugo e de Ourense. É o bloco menos povoado. 5% da população da Galiza.

Estes blocos são delimitados, fundamentalmente, pelos limites (*isoglossas*) dos fenómenos linguísticos seguintes:

- *gheada*: é uma realização aspirada ou fricativa do /g/ e tem essencialmente três tipos de realização; a glotal, puramente aspirada (como o <h> em inglês e alemão *hotel/Hotel*), a faríngeal (fricativa; entre a pronúncia glotal e a velar) e a velar (como o <j> em castelhano *jamón*; mas, atenção, não tem relação etimológica com o 'jota' do castelhano). Ex. *amigo*: não gheada: [a'miyo], gheada: [a'miho] [a'miho] [a'mixo]. A gheada encontra-se em primeiro lugar no galego ocidental. Na língua portuguesa não existe pronúncia semelhante.
- *sesseio*: ausência de diferenciação entre os fonemas /s/ e /θ/, em favor do /s/. Existem diversas variantes, mas os dois tipos fundamentais são:

um sesseio semelhante ao do espanhol americano (que se dá em qualquer posição da palavra) que se encontra na parte mais ocidental no galego ocidental; e o sesseio só em posição final da palavra (mantendo a distinção entre /s/ e /θ/ no início da sílaba) que se encontra no resto do galego ocidental e numa parte do galego central (ver em baixo na secção 6.6.4.1 o ponto 14). Em português, apenas existe a realização do fonema sibilante dental, quer surdo, quer sonoro.

- resultados das terminações latinas – *anu(m)* e – *ana(m)*; ex. no gal. oc.: *irmán* [ir'mãŋ], no gal. centr. i or.: *irmao* [ir'mao] ou [ir'maw]; no feminino sempre: *irmá*. Em português a terminação masculina caracteriza-se pelo ditongo nasal: *irmão* [ir'mãw]; a forma feminina tem a vogal nasal: *irmã* [ir'mẽ].
- formação do plural das palavras agudas acabadas em –n, procedentes da terminação latina – *one(m)*; ex. *corazón* [kora'θõŋ], plural no gal. oc. *corazóns* [kora'sõŋs], no gal. centr. *corazós* [kora'θoŋs], no gal. or. *corazois* [kora'θojs]; variante standard: *corazóns* [kora'θõŋs]. Em português, a referida terminação latina derivou, por analogia com as formas em – *anu(m)*, no ditongo nasal [ẽw], mas a formação do seu plural segue a forma etimologicamente esperável:

Port. Singular	Port. Plural	Gal. Singular	Gal. Plural
<i>coração</i> [kura'sẽw]	<i>corações</i> [kura'sõj]	<i>corazón</i>	<i>corazóns</i>
<i>cão</i> [kẽw]	<i>cães</i> [kẽj]	<i>can</i>	<i>cans</i>
<i>mão</i> [mẽw]	<i>mãos</i> [mẽw]	<i>man</i>	<i>mans</i>

6.6.4 Características

6.6.4.1 Grafia e pronúncia do galego

O inventário das realizações fonéticas do galego moderno difere do português actual. O sistema vocálico tónico e pretónico consta de sete fonemas /i, e, a, ɔ, o, u/, que se reduzem a cinco /i, e, a, o, u/ em posição pós tónica, e a três /e, a, o/ em posição átona final. Em galego os casos que apresentam *i* ou *u* como vogais finais absolutas são escassos e são quase sempre latinismos ou estrangeirismos. A diferença gráfica entre as vogais médias marca-se com um acento diacrítico, sempre agudo [´], sobre a vogal aberta, à excepção de *é/e* (verbo *ser*) / (conjunção), ambas [e]. No galego moderno não existem vogais nasais em sílaba livre sem contacto com consoante nasal, como as do português actual, apesar de se produzirem ligeiras nasalizações que marcamos nas transcrições fonéticas com um til.

1. o corresponde a [o] ou [ɔ], neste último caso, por vezes irá assinalado com acento gráfico e por vezes não; ex. *óso* [ɔso] (port. osso); *come* [kome] (port. come). Também aparece a realização semiaberta nas contracções da preposição *a* mais artigo definido masculino *o* (há duas grafias possíveis mas só uma pronúncia): *ao/ó* [ɔ] / *aos/ós* [ɔs] (port. ao / aos). É menor do que no português a tendência para a realização do *o* átono como *u*.
2. a realiza-se geralmente como [a]. Aparece frequentemente uma variante algo mais alongada e mais aberta [a:] nas contracções da preposição *a* mais artigo definido feminino *a* / *as*, que se assinala com acento gráfico grave: *á / ás* (port. à / às). É menor do que no português a tendência para a realização do *a* átono como [ɐ].
3. e corresponde a [e] ou [ɛ], neste último caso por vezes irá assinalado com acento gráfico e por vezes não; ex. *mel* [ˈmɛl] (port. mel), *vén* [ˈbɛŋ] (port. vem); *mete* [ˈmɛtɛ] (port. mete [ˈmetɐ]). Não existe em galego a realização [ə] correspondente à grafia do *e* átono e também não existe a realização brasileira palatalizada [tʃi].
4. A tendência para sincopar as vogais átonas é muito menor no galego do que no português.
5. Em galego, como nos dialectos do português setentrional, o ditongo *ou* mantém a sua pronúncia tradicional [ow].

6. O ditongo resultante das sequências latinas *-oct-*, *-uct-* e *-ori-* vogal resultou *-oi-* de maneira geral no galego. O português diferenciou e desenvolveu diferentes resultados para estas sequências: *noite* (gal. e port.) mas *froita* (gal.) / *fruta* (port.); *moito* (gal.) / *mucho* (port.).
7. ch realiza-se [tʃ] (diferente do português padrão [ʃ]); ex. *chorar* [tʃo'rar] (port. [u'rar]). O processo de desoclusivização da africada medieval não atingiu o [tʃ] no galego. Etimologicamente, este fonema é resultado da evolução dos grupos latinos *cl-*, *pl-* ou *fl-*, conservados ainda em francês e catalão (fr. *clé*, *plein*, *flamme*; port. *chave*, *cheio*, *chama*; gal. *chave*, *cheo*, *chama*).
8. Os grupos latinos [kwa, kwo, gwa, gwo] resultaram [ka, ko, ga, go] na maioria do território galego, mantendo-se em português: *catro*, *corenta*, *gardar* (gal.) / *quatro*, *quarenta*, *guardar* (port.).
9. ll representa o som [ʎ], embora na actualidade este som esteja a ser substituído por [j] ou mesmo por [ʝ]; ex. *folha* ['foʎa] ou ['foʝa] (port. *folha* ['foʎe]).
10. nh representa o som nasal velar [ŋ] intervocálico tão característico do galego. Este dígrafo aparece unicamente no interior de palavra e em posição intervocálica; ex. *unha* ['uŋã] (port. *uma*). Não confundir com o português *nh*!
11. n realiza-se [ɲ] (como o *nh* galego anterior) antes de consoante velar, alveolar ou nasal bilabial, assim como em posição final absoluta *-n* (port. *-m*). Ex. *cunca* ['kũŋka] (port. *chávena*), *canle* ['kãŋle] (port. *canal*), *immigrar* [iɲmi'ɣrar], *tamén* [ta'meɲ] (port. também), non [nõŋ].
12. ñ representa o som [ɲ]; ex. *niño* ['niɲo] (port. *ninho*).
13. r a pronúncia do *r-* e do *rr* é sempre lingual em galego. Em português alterna com uma realização velar [R].
14. za/zo/zu Em galego *occidental* estas grafias *z* e *c* pronunciam-se [s], mas no gal. centr. e or. pronunciam-se [θ], som inexistente em português; ex. *zapato*: gal. oc. [sa'pato], gal. centr. e or. [θa'pato] (ver o referido acima sobre o seseio)
15. v O fonema /v/ não existe em galego; esta grafia representa o fonema /b/, ao contrário do que acontece em português. (port. *vinho* [v-]; gal. *viño* [b-]).
16. x como em port. *corresponde* ao som [ʃ] ou em cultismos ao [ks].

Em galego acentuam-se as palavras agudas quando são polissílabas e acabam em vogal, vogal mais *-n*, vogal mais *-s* ou vogal mais *-ns*: *mazá*, *corazóns*, *cantís*; não levam acento gráfico as agudas que acabam em ditongo decrescente: *animais*, *xogou*. As palavras graves acentuam-se quando acabam em vogal, em consoante diferente de *-n* ou *-s*, ou em grupos distintos de *-ns*. As palavras esdrúxulas acentuam-se todas. As vogais tónicas *i*, *u*, em contacto com uma vogal átona, acentuam-se sempre.

No galego moderno não existem vogais nasais em sílaba livre sem contacto com consoante nasal, apesar de se produzirem ligeiras nasalizações que marcamos nas transcrições fonéticas com um til.

6.6.4.2. Outras especificações

Fenómenos que acontecem em ambas as línguas

1. O *ẽ* e os *õ* latinos mantêm-se em galego e em português, maioritariamente, como vogais semi-abertas: *tẽrra* > *t[ẽ]rra*, *põrta* > *p[õ]rta*. Contudo, o resultado pode ser também [é], [ó] por efeito da inflexão produzida por consoante nasal: *fõnte* > *f[õ]nte*, *lẽnto* > *l[ẽ]nto*, mas também por metáfora produzida pelo *-u* final latino no singular: *cõrpu* > *c[õ]rpo*, *tẽstu* > *t[ẽ]sto*. A metáfora por *-o* final afecta só os nomes convertendo-se também em alguns casos numa marca redundante de género.

2. O timbre de [e] e do [o] do latim vulgar também se pode alterar em galego e em português abrindo um grau por acção metafónica do *-a* final: *illa* > *[e]lla*, *hõra* > *h[õ]ra*. Esta alteração não se verifica em todo o território linguístico galego, apenas na parte ocidental.
3. Existe em galego, como em português, o chamado infinitivo pessoal.

Alguns fenómenos galegos inexistentes em português:

1. A terminação latina *-inu* / *-ina* que dá *-iño* / *-iña* converteu-se na típica do diminutivo galego (*pequeniño*, *boiño*, *neniño*), enquanto que o português desenvolveu diferentes possibilidades: *-(z)inho* / *-ito*: *rapazinho*, *rapazito*.
2. Existe em galego o chamado 'dativo de solidariedade' indicando presença de um interlocutor: port: a casa é bonita; gal. a casa éche bonita (=«é bonita para ti»).
3. Em galego não existem os tempos compostos na conjugação verbal, só se utilizam os tempos simples. Os verbos *haber* e *ter* actuam como auxiliares apenas nas perífrases verbais.

Alguns fenómenos portugueses que não existem no galego:

1. Nasalização: não há nem vogais, nem ditongos, nem tritongos nasais em galego.
2. Não há palatalização de sibilantes finais em galego.
3. Quase não se usa no galego o futuro do conjuntivo.
4. Não existe a mesóclise em galego: port. *queixar-me-ia*; gal. *íame* *queixar* ou *íame* *queixarme*.

6.6.5 Mini-léxico do galego

6.6.5.1 um, dois, três: números

<i>cero</i>			
<i>un</i> [ɲ], <i>unha</i> [ɲ]	<i>once</i>	<i>vinte e un</i> , <i>vinte e unha</i>	<i>cen</i> / <i>cento un</i> , <i>cento unha</i>
<i>dous</i> , <i>dúas</i>	<i>doce</i>	<i>vinte e dous</i> , <i>vinte e dúas</i>	<i>douscentos</i> , <i>duascentas</i>
<i>tres</i>	<i>trece</i>	<i>trinta e un</i> , <i>trinta e unha</i>	
<i>catro</i>	<i>catorce</i>		
<i>cinco</i>	<i>quinze</i>	<i>cincuenta</i>	<i>cincocentos</i> , <i>cincocentas</i> / <i>quiñentos</i> , <i>quiñentas</i>
<i>seis</i>	<i>dezaseis</i>	<i>sesenta</i>	
<i>sete</i>	<i>dezasete</i>	<i>setenta</i>	
<i>oito</i>	<i>dezaioito</i>	<i>oitenta</i>	
<i>nove</i>	<i>dezanove</i>	<i>noventa</i>	
<i>dez</i>	<i>cen</i>	<i>mil</i> / <i>dous mil</i>	<i>millón</i> / <i>dous millóns</i>

Os números 11-15 acabam em *-ce*; 16-19 começam com *deza-*.

Os números ordinais diferentes do português são: *cuarto* / *-a*, *noveno* / *-a*; depois de 12 utilizam-se mais os números cardinais.

Medio / *-a* (meio); *a metade*; *un tercio* (um terço); *cuarto* (um quarto); *dobre*, *duplo*.

6.6.5.2 o, a: os artigos

Os artigos em galego *o*, *a*, *os*, *as* fazem contracção com algumas preposições:

ao / *ó* (ao) *á* (à) / *com* (com o) *coa* (com a) / *do* (do) / *no* (em o) / *polo* (pelo).

No plural: *aos* / *ós* - *ás*, *cos* - *coas*, *dos* - *das*, *nos* - *nas*, *polos* - *polas*.

un, unha [un, uña] (um, uma) / plural *uns, unhas*, só fazem contracções com *de, com, e em*: *dun(s) - dunha(s), cun(s) - cunha(s), nun(s) - nunha(s)*.

6.6.5.3 de + a: preposições

a, com, de, en, por apresentam crase com os artigos (v. secção anterior);

de e *en* contraem com os pronomes pessoais tónicos *el, ela, eles, elas*: *del, nel*;

de e *en* contraem também com os indefinidos *algún, algunha, algúns, algunhas*: *dalgún, dalgunha* (de alguma), *nalgún, nalgunha* (em alguma) / *outro, -a, -s, -as*: *doutro* (de outro), *noutro* (em outro) / com os demonstrativos *este, ese, aquel*: *deste, neste, naquel*;

sen (sem);

entre / *enriba de* (em cima de) / *debaixo de* / *diante de* / *atrás de* / *antes de* / *logo de, despois de* (depois de) / *a carón de* (ao lado de) / *en torno a* (em torno de) / *preto de* (perto de) / *lonxe de* (longe de) / *cara a* (para) / *ata-até* (até);

(ver também os advérbios)

hai [un ano] (há, faz [um ano]).

6.6.5.4 hora, dia + ano: a divisão do tempo

o segundo / *o minuto* / *un cuarto* (um quarto de hora) / *media hora* (meia hora) / *as once e vinte* (11:20) / *as catro e media, as dezaseis trinta* (16:30);

o día (o dia) / *a mañá* (a manhã) / *a tarde* / *a tardiña*, *o luscofusco*, *o serán* (o fim da tarde) / *a noite*;

bos días (usa-se até a hora de comer) / *boas tardes* (até ao pôr-do-sol, o fim da tarde) / *boas noites*;

a semana: *luns* (segunda-feira), *martes* (terça-feira), *mércores* (quarta-feira), *xoves* (quinta-feira), *venres* (sexta-feira), *sábado, domingo*;

o mes (mês): *xaneiro, febreiro, marzo, abril, maio, xuño, xullo, agosto, setembro, outubro, novembro, decembro*;

as estacións (as estações do ano): *primavera, verán* (Verão), *outono, inverno*;

días de festa: *Nadal* (Natal), *Entroido* (Entrudo/Carnaval), *Pascua* (Páscoa), *Pentecostés* ou *Espírito Santo*;

o ano / *o século*;

o tempo / *o momento* / *unha* (uma) vez, *dúas veces* (duas vezes).

6.6.5.5 família + pessoas

os pais:

pai, (pai), nai (menos frequente: *maí*) (mãe) / *avó, avoa* (avô, avó);

fillo, filla (filho, filha) / *neto, neta*;

irmán, irmá (irmão, irmã) / *tio, tia* (tio/-a);

curmán, curmá (primo/-a), *sobriño/-a* (sobrinho/-a);

home (homem, marido, esposo) / *muller* (mulher, esposa);

xenro, nora (genro, nora), *sogro, sogra*;

senhor, senhora / *nenó, -a, rapaz, -a* (menino/-a, rapaz, rapariga).

familia (família) / *a xente* (gente) / *o pobo* (povo) / *a nación* (nação).

6.6.5.6 casa + mundo: os substantivos mais frequentes

o mundo / *a terra* / *o país* / *a cidade* / *a vila, a aldea* (aldeia) / *a casa* / *a rúa* (a rua) / *a praza* (praça);

a auga (água) / *a luz* / *o sol* / *o lume* (fogo);

a vida / *a forza* (força) / *o traballo* (trabalho) / *a obra*;

a parte / *a fin* (fim)

a cousa (coisa) / *a idea* (ideia) / *a palabra* (palavra) / *o nome* / *o número* / *a verdade*.

6.6.5.7 bom + mau: os adjetivos mais frequentes

todo, -a, -s, -as (tudo, todos) / *cada un, unha, uns...* (cada um) / *algún, algunha, algúns, algunhas* (algum) / *ningún, ningunha, ningún, ningunhas* (nenhum) / *alguén* (alguém) / *ninguén* (ninguém) / *algo* / *outro, -a, -s, -as* / *só, soa* (só)

grande, pequeno / *moito, pouco* (muito)

bo, boa, bos, boas (bom) / *mao, má* (mau) / *novo, vello* (jovem, velho) / *alto, baixo*

Comparação dos adjetivos com *máis, menos, tan-tanto*: *máis intelixente*

O superlativo com *o/a*: *o máis intelixente*

Formas irregulares frequentes: *mellor* (melhor), *peor* (pior), *maior, menor*

6.6.5.8 e, se, sim: conjunções + sim / não

e, e mais (e) / *ou* / *que* / *se* / *cando* (quando) / *porque* / *pero, mais* (mas) / *como* / *daquela, entón* (então) / *aínda que* (embora) / *mentres* (enquanto) / *nin* (nem) / *non* (não) / *si* (sim)

6.6.5.9 eu, tu, ele – o meu, o teu, o dele: pronomes pessoais e possessivos

Pronomes pessoais:

nom.	acus.	dat.
<i>eu</i>	<i>me</i>	<i>me</i> (a mim)
<i>ti</i>	<i>te</i>	<i>che</i> (a ti)
<i>el, ela</i>	<i>o, a*</i>	<i>lle</i> (a ele)
<i>nós</i>	<i>nos</i>	<i>nos</i>
<i>vós</i>	<i>vos</i>	<i>vos</i>
<i>eles, elas</i>	<i>os, as*</i>	<i>lles</i>
<i>vostede / vostedes</i> (tratamento formal)		

Pronomes possessivos:

<i>meu, -s</i> / <i>miña, -s</i>
<i>teu, -s</i> / <i>túa, -s</i>
<i>seu, -s</i> / <i>súa, -s</i>
<i>noso, -a</i> / <i>-s</i>
<i>voso, -a</i> / <i>-s</i>
<i>seu, -s</i> / <i>súa, -s</i>

* Os pronomes de terceira pessoa apresentam dois alomorfes: *-lo, -no*.

A pós-posição do pronome átono em relação ao verbo resulta ser a sua posição mais habitual, não podendo iniciar em nenhum caso um enunciado. Nas orações declarativas e interrogativas, ou exclamativas introduzidas por um pronome e nas orações subordinadas, o pronome átono vai antes da forma verbal: *dixo que o fixera eu, ¿Quen cho dixo?, ¡Mal raio o parta!*

Os alomorfes do pronome átono acusativo de terceira pessoa apresentam uma distribuição complementar determinada pelo final da forma verbal a que se ligam. *-lo* usa-se quando a forma verbal acaba em *-s* ou *-r*: *comes o caldo: cómeloo; buscar o libro: buscalo. -no* usa-se nas formas verbais que acabam em ditongo: *comeu o caldo, comeuno*. No resto dos casos usa-se *o, a*.

Um pronome característico da língua galega é o chamado pronome de solidariedade que adopta as formas do dativo *che* e *vos*. Sem função sintáctica, emprega-se para aproximar o interlocutor do emissor: *O da ortografía éche un problema* (port. O da ortografia é um

problema, tu!). *O da ortografía élle un problema* (port. O da ortografia é um problema, senhor!)

As formas do masculino singular do pronome posesivo precedidas da preposição *de* dão lugar a uma construção característica do galego que indica natureza, propriedade: *El é rico de seu*.

6.6.5.10 este + que: *pronomes*

1. Indicar

Pronomes demonstrativos:

este, -a, -es, -as, isto / ese, -a, -es, -as, iso (esse, isso);
aquel, -a, -les, -las, aquilo (aquele, aquilo).

O galego tem outra série que se utiliza em contraposições: *estoutro, esoutro, aqueloutro* e que contrai com as preposições *de* e *en*: *destoutro, nestoutro*.

2. Perguntar

Pronomes interrogativos:

que / o que - esta segunda opção alterna com a primeira em contextos determinados: para perguntar pelo precedente ou para manifestar surpresa.

a que, de que, en que, con que, por que, quen, a quen, con quen, cal, -es (qual), *como, onde, cando* (quando), *canto, -a, -s* (quanto).

3. Unir

Pronomes relativos:

que, o que, o/a cal (o/a qual), *quen* (quem), *cujo* (cujo).

6.6.5.11 aqui – hoje – muito: *advérbios*

1. Lugar

aquí / acá, acá (aqui)

ai / ali / aló, alá / acolá (ali)

arriba, enriba, encima, encol, derriba (em cima, por cima) / *abaixo, embaixo, debaixo* (em baixo, debaixo, por baixo)

diante, en fronte (diante, em frente), *adiante* (avante) / *detrás, atrás*;

dentro / fóra;

a carón, ao lado de, a rentes (ao lado de) / *cerca, preto* (perto) / *lonxe* (longe) / *algures / ningures* (nenhures) / *xalundes* (em qualquer lugar).

2. Tempo

hoxe (hoje) / *mañá* (amanhã) / *pasado mañá* (depois de amanhã) / *onte* (ontem) / *antonte, antes de onte, trasantonte* (anteontem);

agora, arestora / hogano (este ano) / *outrora, noutrora* (em outro tempo) / *agora mesmo, enseguida, deseguida, deseguido* / *logo* (logo, em breve);

cedo / tarde / de súpeto, de socato (de repente);

nunca, xamais, endexamais, nunca máis (nunca, nunca mais) / *ás veces* (às vezes) / *de cando en cando, de cando en vez* (de vez em quando), / *decote, acotío* (frequentemente), *moitas veces* (muitas vezes) / *sempre*;

xa (já), *aínda, inda* (ainda), *mentres, namentres, durante* (enquanto, entretanto).

3. Modo

devagar, amodo, paseniño, engorde (devagar), *axiña, á présa* (depressa).

4. Quantidade

nada / a penas (só) / *pouco / un chisco* (*um bocadinho, um pouco*) / *bastante, abondo / moito* (*muito*) / *demaís, demasiado / medio* (*meio*) / *a metade / canto* (*quanto*) / *tanto*; *máis* (mais) / *por aí* (mais ou menos) / *só* (sómente) / *case, por pouco* (quase) / *polo menos* (pelo menos).

6.6.5.12 Acção: *os vinte verbos mais frequentes*

(o presente / 2 tempos do passado / futuro / conjuntivo / imperativo / participio passado)

ser:	<i>son, es, é, somos, sodes, son / era / fun, fuches, foi, fomos, fostes, foron / serei / sexa / se / sido</i> (ser)
estar:	<i>estou, estás, está, estamos, estades, están / estaba / estiven, estiveches, estivo / estarei / estea / está / estado</i> (estar)
haber:	<i>hei, has, ha-hai, habemos, habedes, han / había / houben, houbeches, houbou / haberei / haxa / -- / habido</i> (haver)
ter:	<i>teño, tes, ten, temos, tedes, teñen / tiña / tiven, tiveches, tivo / terei / teña / ten / tido</i> (ter)
vir:	<i>veño, vés</i> ['bes], <i>vén</i> ['ben], <i>vimos, vides, veñen / viña / vin, viñeches, veu, viñemos, viñestes, viñeron / virei / veña / ven / vido</i> (vir)
ir:	<i>vou, vas, vai, imos, ides, van / ia / fun, fuches, foi, fomos, fostes, foron / irei / vaia / vai / ido</i> (ir)
pasar:	<i>paso / pasaba / pasei, pasaches, pasou / pasarei / pase / pasa / pasado</i> (passar)
dicir:	<i>digo, dis, di, dicimos, dices, din / dicía / dixen, dixeches, dixó, dixemos, dixestes, dixeron / direi / diga / di / dito</i> (dizer)
falar:	<i>falo, falas, fala, falamos, falades, falan / falaba / falei, falaches, falou / falarei / fale / fala / falado</i> (falar)
ver:	<i>vexo, ves</i> ['bes], <i>ve, vemos, vedes, ven</i> ['ben] / <i>vía / vin, viches, viu, vimos, vistes, viron / verei / vexa / ve / visto</i> (ver)
facer:	<i>fago, fas, fai, facemos, facedes, fan / facía / fixen, fixeches, fixo / farei / faga / fai / feito</i> (fazer)
querer:	<i>quero, queres, quere, queremos, queredes, queren / quería / quixen, quixeches, quixo / quereirei / queira / quere / querido</i> (querer)
dar:	<i>dou, dás, dá, damos, dades, dan / daba / dei, deches, deu, demos, destes, deron / darei / dea / dá / dado</i> (dar)
poñer:	<i>poño, pos, pon, poñemos, poñedes, poñen / poñía / puxen, puxeches, puxo / poñerei / poña / pon / posto</i> (pôr)
saber:	<i>sei, sabes, sabe, sabemos, sabedes, saben / sabía / souben, soubeches, soubo / saberei / saiba / sabe / sabido</i> (saber)
traer:	<i>traio, traes, trae, traemos, traedes, traen / traía / trouxen, trouxeches, trouxo / traerei / traía / trae / traído</i> (trazer)
crer:	<i>creo, cres, cre, cremos, credes, cren / cria / crin, criches, creu, cremos, crestes, creron / crerei / crea / cre / crido</i> (crer)
deber:	<i>debo, debes, debe, debemos, debedes, debeu / debía / debín, debiches, debeu / deberei / deba / -- / debido</i> (dever)
poder:	<i>podo, podes, pode, podemos, podedes, poden / podía / puiden, puideches, puido / poderei / poida / pode / podido</i> (poder)
gustar:	<i>gusto, gustas, gusta, gustamos, gustades, gustan / gustaba / gustei, gustaches, gustou / gustarei / guste / gusta / gustado</i> (gostar)

6.6.6 As palavras estruturais do galego

<i>a</i>	<i>a</i>
<i>a</i>	<i>a</i>
<i>á</i> (contracção da prep. <i>a</i> mais o art. fem. <i>a</i>)	<i>à</i>
<i>agora</i>	<i>agora</i>
<i>aí, ali</i>	<i>aí, ali</i>
<i>ainda</i>	<i>ainda</i>
<i>alguén</i>	<i>alguém</i>
<i>algún, algunha</i>	<i>algum, alguma</i>
<i>antes de</i>	<i>antes de</i>
<i>aque!, aquela, aquilo</i>	<i>aquele, aquela, aquilo</i>
<i>aquí</i>	<i>aqui</i>
<i>así</i>	<i>assim</i>
<i>ata, até</i>	<i>até</i>
<i>baixo, baixa</i>	<i>baixo, baixa</i>
<i>ben</i>	<i>bem</i>
<i>bo/-s, boa/-s</i>	<i>bom/bons, boa/-s</i>
<i>ca (comparativa)</i>	<i>que</i>
<i>cá (comparativa)</i>	<i>que a</i>
<i>cada</i>	<i>cada</i>
<i>có</i>	<i>que o</i>
<i>co, coa/-s</i>	<i>com o, com a/-s</i>
<i>con</i>	<i>com</i>
<i>como, ¿como?</i>	<i>como, como?</i>
<i>cousa, unha cousa</i>	<i>coisa, uma coisa</i>
<i>cando</i>	<i>quando</i>
<i>canto</i>	<i>quanto</i>
<i>canto/-s, canta/-s</i>	<i>quanto/-s, quanta/-s</i>
<i>cal, cales</i>	<i>qual, quais</i>
<i>cara a</i>	<i>a</i>
<i>cear</i>	<i>jantar</i>
<i>che</i> (pron. dat. 2a pess.)	<i>te</i>
<i>cho/-s, cha/-s</i> (contrac. <i>che</i> + pron.ac.3a pess.)	<i>to/-s, ta/-s</i>
<i>dar</i>	<i>dar</i>
<i>de</i>	<i>de</i>
<i>debaixo de</i>	<i>debaixo de</i>
<i>dicir</i>	<i>dizer</i>
<i>despois de</i>	<i>depois de</i>
<i>dentro</i>	<i>dentro</i>
<i>detrás, atrás</i>	<i>detrás, atrás</i>
<i>diante</i>	<i>diante, à frente</i>
<i>día</i>	<i>día</i>
<i>dous, dúas</i>	<i>dois, duas</i>
<i>e</i>	<i>e</i>
<i>el /-es, ela/-s</i>	<i>ele/-s, ela/-s</i>
<i>en</i>	<i>em</i>
<i>enriba</i>	<i>em cima</i>
<i>entón</i>	<i>então</i>
<i>entre</i>	<i>entre</i>

<i>ese, esa, iso</i>	<i>esse, essa, isso</i>
<i>estar</i>	<i>estar</i>
<i>este, esta, isto</i>	<i>este, esta, isto</i>
<i>eu</i>	<i>eu</i>
<i>facер</i>	<i>fazer</i>
<i>fóra</i>	<i>fora</i>
<i>gran, grande</i>	<i>grande</i>
<i>gustarlle algo</i>	<i>gostar de algo</i>
<i>hai</i>	<i>há</i>
<i>haber</i>	<i>haver</i>
<i>facер</i>	<i>fazer</i>
<i>ir</i>	<i>ir</i>
<i>lle/-s</i>	<i>lhe/-s</i>
<i>máis</i>	<i>mais</i>
<i>mais</i>	<i>mas</i>
<i>me, min</i>	<i>me, mim</i>
<i>mesmo, mesma</i>	<i>mesmo, mesma</i>
<i>o meu, a miña</i>	<i>o meu, a minha</i>
<i>moi, moito</i>	<i>mui, muito</i>
<i>nada</i>	<i>nada</i>
<i>ninguén</i>	<i>ninguém</i>
<i>ningún, ningunha</i> [ŋ]	<i>nenhum, nenhuma</i>
<i>non</i>	<i>não</i>
<i>nós / nosoutros</i>	<i>nós</i>
<i>nos</i>	<i>nos</i>
<i>nosó, nosa</i>	<i>nosso, nossa</i>
<i>nunca</i>	<i>nunca</i>
<i>o/-s, a/-s</i>	<i>o/-s, a/-s</i>
<i>ó/-s (também <i>ao, aos</i>), á/-s</i>	<i>ao/-s, à/-s</i>
<i>onde</i>	<i>onde</i>
<i>ou</i>	<i>ou</i>
<i>outro, outra</i>	<i>outro, outra</i>
<i>para</i>	<i>para</i>
<i>pequeno</i>	<i>pequeno</i>
<i>poder</i>	<i>poder</i>
<i>poñer / pôr</i>	<i>pôr</i>
<i>por que / ¿por que?</i>	<i>porque, porquê?</i>
<i>pouco/-s, pouca/-s</i>	<i>pouco/-s, pouca/-s</i>
<i>que</i>	<i>que</i>
<i>quen</i>	<i>quem</i>
<i>querer</i>	<i>querer</i>
<i>pois</i>	<i>pois</i>
<i>quizais, se cadra</i>	<i>talvez, quiçá, se calhar</i>
<i>saber</i>	<i>saber</i>
<i>se, si</i>	<i>se, si</i>
<i>se (conj.)</i>	<i>se</i>
<i>sen</i>	<i>sem</i>
<i>sempre</i>	<i>sempre</i>
<i>ser</i>	<i>ser</i>
<i>o seu, a súa</i>	<i>o seu, a sua</i>
<i>si</i>	<i>sim</i>

<i>só, soa</i>	só
<i>tamén</i>	também
<i>tan</i>	tão
<i>tanto/-s, tanta/-s</i>	tanto/-s, tanta/-s
<i>te</i> (pron. acus. e refl.), <i>ti</i>	te, ti
<i>ter, ter que</i>	ter, ter que, ter de
<i>ti</i>	tu, você
<i>o teu, a tua</i>	o teu, a tua
<i>todo/-s, toda/-s</i>	todo/-s, toda/-s
<i>todo</i>	tudo
<i>un [ɲ], unha [ɲ], uns [ɲ], unhas [ɲ]</i>	um, uma, uns, umas
<i>ver</i>	ver
<i>a vez</i>	a vez
<i>vir</i>	vir
<i>vostede/-s</i>	o senhor, a senhora
<i>vós, vos</i>	vocês
<i>o voso, a vosa</i>	o vosso, a vossa
<i>xa</i>	já
<i>xantar</i>	almoçar

7. Em vez de uma bibliografia

Informações actualizadas sobre o método EuroCom, assim como sobre a intercompreensão, o plurilinguismo e a didáctica estão disponíveis na *Internet* a partir do seguinte endereço:

<http://www.eurocomresearch.net/>

Para uma recolha exaustiva de materiais bibliográficos sobre a intercompreensão, o plurilinguismo e a didáctica do plurilinguismo aceda ao endereço acima e:

1. clique em *Publications*
2. clique em *Biblio Intercomprehension*
3. clique em *On-Line Version der Bibliographie* ou em *Bibliographie zur Mehrsprachigkeit*

No endereço http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_L3/ está também disponibilizada uma extensa bibliografia sobre o assunto. Aí clique em *Bibliography*.

No que diz respeito à obtenção de textos na maioria das línguas tratadas neste livro, valerá a pena recordar que a União Europeia disponibiliza diversos documentos em cada uma delas no seu *site*:

<http://www.europa.eu.int/>

Quanto ao catalão consulte-se o *site* da Generalitat de Catalunya, com *links* para as mais diversas áreas da vida catalã (incluindo a imprensa periódica):

<http://www.gencat.net/>

E, no que se refere ao romeno, veja-se por exemplo o *site* do Governo Romeno:

<http://www.gov.ro/>